

# Os paradoxos do acolhimento aos estudantes moçambicanos como *outsiders* além-mar: identidades, línguas e situações sociais<sup>1</sup>

Luiz Augusto Sousa Nascimento<sup>1\*</sup> 

<sup>1</sup>Instituto Federal do Maranhão/ Universidade Estadual do Maranhão - Brasil

\*Autor de correspondência: [augustowohoty@gmail.com](mailto:augustowohoty@gmail.com)

## RESUMO

**PALAVRAS-CHAVE:** O estudo tem como propósito analisar sociologicamente situações sociais de estudantes moçambicanos como *outsiders* no âmbito da política de internacionalização da educação e sua relação com os discursos da unidade lusófona. O foco analítico central da nossa pesquisa são os alunos moçambicanos e santomenses que imigram para Portugal, sua ex-colônia, em busca de consolidar uma formação acadêmica. Para tanto, se faz necessário compreender um conjunto de fatores correlacionados, tais como identidades, línguas, posição política para empreender hipóteses que possam rastrear o perfil desses alunos e estabelecer diálogos que nos possibilitem obter visões múltiplas. Para coleta de informações, recorreremos às principais metodologias e ferramentas das ciências humanas, tais como participação direta, elaboração de mapas de trajetórias, genealogias de parentesco, assim como utilizamos informações coletadas durante minha estada como professor visitante do IPB, no sentido de alinhar dados quantitativos e qualitativos. Nossas hipóteses partilham para orientações que vislumbrem casos distintos para situações similares na perspectiva de descolonizar a política de internacionalização da educação nos países ibéricos, sobretudo, Espanha e Portugal. Nesse sentido, almejamos compreender os paradoxos vivenciados e apresentados pelos alunos moçambicanos na dinâmica interconectada das identidades, das línguas e das situações sociais.

Instituto Politécnico de Bragança. Internacionalização da Educação.

## ABSTRACT

**KEYWORDS:** The study aims to sociologically analyze the social situations of Mozambican students as outsiders within the scope of the internationalization of education policy in Portugal and their relationship with Lusophony discourses. The central analytical focus of our research is the Mozambican and Santomean students who immigrate to Portugal, its former colony, seeking to consolidate a qualified academic education. To this end, it is necessary to understand a set of correlated factors, such as identities, languages, and political stances, to develop hypotheses that can trace the profile of these students and establish dialogues that allow us to obtain multiple perspectives from the social subjects themselves. To collect data, we used the main methodologies and tools of the humanities, such as direct participation, the creation of trajectory. We will also use information collected during my time as a visiting professor at the IPB to align quantitative and qualitative data. Our shared hypotheses offer guidelines that consider distinct cases for similar situations from the perspective of decolonizing the internationalization of education policy in the Iberian countries, particularly Spain and Portugal. In this sense, we aim to understand the paradoxes experienced and presented by Mozambican students in the interconnected dynamics of identities, languages, and social situations.

Instituto Politécnico de Bragança. Internacionalización de la Educación.

## RESUMEN

**PALABRAS CLAVE:** El estudio busca analizar sociológicamente la situación social de los estudiantes mozambiqueños como forasteros en el contexto de la internacionalización de la política educativa y su relación con los discursos de unidad lusófona. El enfoque analítico central de nuestra investigación son los estudiantes mozambiqueños y santotomenses que emigran a Portugal, su antigua colonia, buscando consolidar su formación académica. Para ello, es necesario comprender un conjunto de factores correlacionados, como identidades, idiomas y posturas políticas, para desarrollar hipótesis que permitan trazar el perfil de estos estudiantes y establecer diálogos que nos permitan obtener múltiples perspectivas. Para recopilar datos, utilizamos las principales metodologías y herramientas de las humanidades, como la participación directa, la creación de mapas de trayectoria y las genealogías de parentesco. También utilizamos la información recopilada durante mi periodo como profesor visitante en el IPB para armonizar los datos cuantitativos y cualitativos. Nuestras hipótesis compartidas ofrecen directrices que consideran casos distintos para situaciones similares desde la perspectiva de la descolonización de la internacionalización de la política educativa en los países ibéricos, en particular España y Portugal. En este sentido, buscamos comprender las paradojas que experimentan y presentan los estudiantes mozambiqueños en la dinámica interconectada de identidades, lenguas y situaciones sociales.

Instituto Politécnico de Bragança. Internacionalización de la Educación.

**SUBMETIDO:** 27 de outubro de 2025 | **ACEITO:** 30 de novembro de 2025 | **PUBLICADO:** 23 de dezembro de 2025  
© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo CNPq, modalidade Pesquisador de Produtividade em Pesquisa PQ/C. 2025.

## Introdução

No ano de 2019, o Instituto Politécnico de Bragança – IPB em Portugal, lançou editais para selecionar docentes de instituições de ensino e pesquisa no Brasil para compor os quadros departamentais da instituição na modalidade professor visitante cujos objetivos eram permanecer durante um ano no campus do IPB na cidade de Bragança na região norte de Portugal para ministrar aulas e realizar pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. O edital já estabelecia os componentes curriculares que seriam ministrados pelos candidatos selecionados.

Para as áreas de ciências humanas, havia o componente curricular “Discurso e culturas lusófonas” para ser ministrado no curso de Licenciatura em Relações Lusófonas e Língua Portuguesa cujo público alvo era estudantes de internacionalização, sobretudo, oriundos de países africanos falantes de língua portuguesa. Nesse contexto, candidatei-me e fui selecionado para desenvolver minhas atividades no período 2019/2020 lotado na Escola Superior de Educação de Bragança – ESEB, que concentra boa parte dos cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de educação e ciências sociais aplicada.

O Instituto Politécnico de Bragança – IPB, desde os anos de 2010 passou a promover uma caminhada que pudesse estabelecer à instituição, o caráter de internacionalização, ofertando cursos para alunos de diferentes continentes, principalmente aqueles alunos de procedências de países lusófonos (Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Brasil), todavia sem deixar de inserir os alunos lusitanos e aqueles assentados na União Europeia, principalmente estudantes espanhóis. O IPB possui acordos com 180 instituições europeias no âmbito do Programa *Erasmus*<sup>2</sup>, além de outros programas de intercâmbios internacionais. Atualmente, o IPB tem mais de nove mil alunos

---

<sup>2</sup> O Programa *Erasmus* é um programa da União Europeia que financia e apoia oportunidades de mobilidade e cooperação nos campos da educação, formação, juventude e desporto. Lançado em 1987, o programa tem como objetivo o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes, além de reforçar a identidade europeia, o crescimento sustentável, a inclusão social. (Instituto Politécnico de Bragança, 2023, p. 26).

(nacionais e internacionais) matriculados nas seis escolas que estruturam a base institucional<sup>3</sup>. (INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA, 2023).

Durante minha estada como professor visitante, passei a conviver com muitos alunos oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP. Quando ministrei o componente curricular “Cultura e Discurso Lusófono”, os estudantes matriculados na sua grande maioria eram oriundos de Moçambique (seis), São Tomé e Príncipe (seis) e Cabo Verde (dois) e em pequeno número, alunos lusitanos (dois) e três alunas chinesas, totalizando dezenove alunos. A convivência e a familiaridade que estabeleci com os estudantes de África ao longo do período foi crucial para descortinar muitas questões de ordens diversas, desde histórias de vidas truçulentas, às vicissitudes dos processos de imigração, os paradoxos do saudosismo pátrio, o acolhimento institucional e o enfrentamento estruturante no bojo de uma sociedade com pouca empatia com os imigrantes do além-mar do atlântico.

Nosso intento neste artigo, é analisar as condições enfrentadas pelos estudantes moçambicanos e santomenses no âmbito das relações sociais no que tange aos conflitos, ao acolhimento institucional e os enfrentamentos diários provocados pelo racismo e outras formas de discriminação, assim como vamos refletir a partir da trajetória de vida de três estudantes<sup>4</sup> moçambicanos do curso de Licenciatura Relações Lusófonas e Língua Portuguesa, que relataram de forma política e poética de como é sobreviver fora de suas respectivas pátrias. Também, esboçaremos uma pequena etnografia da sala de aula cuja finalidade é demonstrar como o espaço da sala de aula é um retrato fiel da vida diária de sujeitos *outsiders* em Portugal.

## **Metodologia e coleta de informações**

As pesquisas em ciências humanas no contexto do mundo da informação digital vêm ganhando novas ferramentas metodológicas que aproximam dados

---

<sup>3</sup> O politécnico de Bragança tem perto de nove mil alunos, um terço dos quais são estudantes internacionais e, destes, a esmagadora maioria da Lusofonia, cerca de dois mil estudantes, particularmente de Cabo Verde, Brasil, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

<sup>4</sup> Utilizaremos nomes fictícios para não expor os respectivos estudantes, porém todos os relatos apresentados são factuais.

de pesquisa e sujeitos interlocutores e interconectados cada vez mais bem munidos de informações e conhecimentos acerca das realidades sociais vividas. (HINE, 2004; KOZINETZ, 2010; LAW, 2018). Todavia, sem negligenciar informações e expor nossos interlocutores, na presente pesquisa agregamos instrumentais de pesquisa alinhados às novas tecnologias, tais como conversas em vídeo conferências, trocas de mensagens por E-mail, chamadas via WhatsApp, sem deixar de utilizar as ferramentas básicas das ciências humanas, tais como entrevistas livres diretas, etnografia pelo viés da observação participantes e diálogos permanentes com interlocutores.

Os diálogos por vídeo conferências foram realizados apenas com os estudantes moçambicanos e santomenses cuja temática pautou-se pelos processos de acolhimento do IPB diante dos alunos dos PALOP. Essa escolha foi desenhada pelos próprios estudantes que passaram a pautar o tema do acolhimento e dos paradoxos políticos apresentados pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP<sup>5</sup>.

Como resultado das reuniões por vídeo conferência, foi possível destacar algumas falas apresentadas ao longo do texto. Durante o período de permanência em Portugal – 2019/2020, foram realizadas cinco entrevistas com alunos e alunas que livremente se manifestaram para dialogar sobre o tema do acolhimento e das questões estruturantes do IPB. Esses diálogos foram gravados em aparelhos digitais, que depois da transcrição foram sintetizados e revisados pelos respectivos alunos, consolidando à consulta prévia de consentimento das exposições implícitas dos posicionamentos aqui apresentados pelos nossos interlocutores.

Quanto à etnografia da sala de aula, foi adotado o clássico diário de campo cuja escrita etnográfica concentrou na descrição densa (GEERTZ, 2001; CLIFFORD; MARCUS, 2016), destacando as ações do dia a dia, com registro de datas, horas, quantidade de alunos presentes e enfatizando as falas relevantes do ponto de vista sociológico para os propósitos da nossa pesquisa, bem como no final de cada descrição, havia um espaço para uma seção analítica-reflexiva, onde se alinhava

---

<sup>5</sup> Dentre alguns objetivos da CPLP são promover a concertação política e a cooperação nos âmbitos social, cultural e econômico entre os seus países membros. A Comunidade também busca fortalecer a presença dos países no cenário internacional, promover e divulgar a língua portuguesa e apoiar o desenvolvimento e o bem-estar de seus povos. Ver <https://www.cplp.org>, acessado em 03/12/2025.

alguns fenômenos sociais acontecidos na sala de aula e/ou na própria universidade, com a teoria que orbitavam com os temas (de)colonial, neocolonialismo, lusofonia, CPLP e racismo.

### **Na travessia não é mais a maresia do navio, mas a turbulência do avião.**

Início esse tópico com esse enunciado “[...] na travessia não é mais a maresia do navio que nos agonizava, mas a turbulência do avião que nos sacode e nos deixam sem chão, nos deixam no vácuo aos olhares expurgos dos lusitanos [...]” expressada pela estudante Nilsy Ig, natural de Inhambane em Moçambique, quando ela utilizou para demonstrar as dificuldades encontradas pelos estudantes de África desde a saída dos seus respectivos países até desembarcar em Portugal. Diferentemente do que é propagado pelo senso comum, as sociedades africanas não se caracterizam pela miséria generalizada, mas assim, como qualquer sociedade assentada nas bases do sistema capitalista, elas estão estruturadas em divisões de classes sociais, por grupos étnicos e na prevalência das desigualdades sociais estruturantes de países que foram saqueados pelo domínio colonial europeu.

Portanto, em África, existem pessoas que são privilegiadas economicamente, herdeiras do domínio colonial e das apropriações de mais-valia inerente ao capitalismo. Destarte, são essas pessoas de classes abastadas que na grande maioria migram para a Europa com o intento de avançar nos estudos universitários, sobretudo para cursar graduação e pós-graduação. Todavia, em menor número, pessoas oriundas das classes subalternas, filiadas a grupos étnicos minoritários que foram assolados pelo domínio colonial e herdeiros das misérias geradas pelo capitalismo, que depois dos processos de descolonização passaram a embarcar em voos para a Europa objetivando diferentes fins, por exemplo, fugir de perseguição política, buscar melhores condições de trabalhos, complementar a vida acadêmica entre outros objetivos. Também cruzar o Atlântico na contemporaneidade pode significar o desejo profundo de mudanças interiores, uma necessidade de expectativas novas.

Paul Gilroy (2012), denomina o fenômeno das migrações contemporâneas de pessoas oriundas de África para o continente europeu como segunda diáspora.

De acordo com o autor (Id. Ibid.), nas relações pós-coloniais, tais como nas migrações que continuam a dirigir-se para os antigos impérios coloniais, vem perpetuar uma nova leva do Atlântico Negro, fazendo alusão ao grande número de pessoas de África, que voluntariamente cruzaram o Atlântico para alicerçar *building* econômico de algumas nações europeias. Em outra roupagem, pessoas de África continuam contribuindo para a manutenção dos privilégios econômicos e sociais das nações europeias. Paul Gilroy (2012), considera que os “africanos” são os primeiros sujeitos verdadeiramente modernos, enfrentando, desde o século XIX, dilemas e dificuldades que se tornariam a substância da vida quotidiana na Europa pós-período de descolonização de África<sup>6</sup>.

Diante dessas adversidades e projeções, é interessante ressaltar que as condições e as trajetórias de estudantes que migram de África para Portugal ou outros países europeus no século XXI são bem distintas, uns com condições econômicas equilibradas, como o caso do aluno José Quintana oriundo de Maputo, capital de Moçambique cujo pai é funcionário de Ministério Público e possui segurança econômica, outros vulneravelmente desprovidos de quaisquer condições financeiras, como o caso da estudante Nilsy Ig oriunda da província de Inhambane, ambos trazendo na bagagem os mesmos objetivos - a vontade de avançar nos estudos acadêmicos e tornarem-se sujeitos potencialmente fortes de “capital cultural” no sentido empregado por Pierre Bourdieu<sup>7</sup>.

Embora a situação social dos estudantes de África seja bem distinta economicamente, no contexto europeu existe uma tendência institucional em homogeneizá-los, tratando-os, genericamente de “africanos”, forjando uma identidade genérica, padronizando o uso correto da língua e seu modo de fala e sotaques. Para Richard Harding (1992, p. 47), a utilização do termo “africano” não corresponde apenas a uma forma redutora de pensar a diversidade de povos

---

<sup>6</sup>O domínio colonial europeu sobre as Américas e a África cambiou sobre a falência de um conjunto de fatores renováveis sobre os alicerces do capitalismo. Em contextos dispare, porém, associados, os processos de descolonização foram singulares, alguns, sangrentos e duradouros, outros políticos traumáticos, experiências pseudo-socialistas, governos autoritários etc. Os portugueses, por exemplo, foram os primeiros a propulsionar as investidas coloniais além-mar, assim como foram os últimos forçadamente, a abandonar a empreita colonial na África (NASCIMENTO, 2020, p. 1).

<sup>7</sup> Para Bourdieu (1989), capital cultural está relacionado a um conjunto de conhecimentos, habilidades, gostos e costumes que sujeitos sociais adquirem e que eles operacionalizam como um recurso para obter prestígio e poder, sendo fundamental na reprodução das desigualdades sociais. De acordo com o sociólogo francês (Id. Ibid.) é uma forma de capital, semelhante ao econômico, que se manifesta de diferentes maneiras.

africanos que constituem o Outro. Trata-se de um termo que denuncia os projetos imperialistas que estão na própria origem desta denominação. O termo “africano” corresponde, então, a uma concepção que permite dividir e distinguir os seres humanos com base no estabelecimento de fronteiras erigidas para servir aos interesses coloniais e que legitima a tradição europeia de nomear o outro não europeu e de o submeter aos seus interesses.

Esse mesmo fenômeno aconteceu nas colônias europeias na América entre os séculos XVII e XIX, quando reis e rainhas de diferentes grupos étnicos foram destronados, espoliados e trazidos compulsoriamente para o trabalho forçado nas terras além-mar, tornando-os pessoas comuns, homogeneizando-os culturalmente aos padrões do colonizador. Esse fator, embora nefasto para as populações escravizadas de África outrora, no além-mar, fortaleceu os laços de solidariedade entre diferentes grupos étnicos, assim como na contemporaneidade, fortalece os laços entre estudantes oriundos de diferentes localidades do continente africano, pois em terras de estrangeiros, não tão desconhecidos, a unidade entre sujeitos na condição de liminaridade é fundamental.

O pavor começa quando a gente coloca os pés no avião para vir para Portugal, porque além das turbulências, há o olhar de desconfiança e outras pressões psicológicas. Quando a gente chega aqui em Portugal, o estranhamento é total, as pessoas brancas imputam rótulos generalizados para nós de África. Isso é perigoso, porque vivemos sempre na insegurança, não sabemos em quem podemos confiar. Então nossos aliados são as pessoas de África, mesmo aquelas consideradas nossos inimigos locais. Aqui é preciso procurar a unidade entre nós, mesmo sabendo que muitos de África que estão aqui têm o pé sujo na lama do colonialismo e na usurpação de direitos fundamentais (Nilsy Ig, Bragança, Portugal, outubro de 2019).

Nilsy Ig oriunda de uma família inhambense desprovida de capital econômico e cultural, criou suas próprias estratégias para chegar ao continente europeu, no entanto, ela se expôs aos perigos, cruzou diferentes caminhos e errou algumas encruzilhadas, mas chegou ao seu destino, porém não permaneceu em Lisboa, onde pretendia matricular-se em uma universidade. Assentada em solo lusitano, depois de muitos esforços, a inhambense matriculou-se no Instituto

Politécnico de Bragança – IPB, no norte de Portugal, instituição a qual não cogitava realizar seus estudos de graduação.

Durante seu trajeto de Inhambane para Lisboa e depois Bragança, ela foi aliciada por diferentes frentes. Primeiro, em Inhambane ela foi aliciada por um suposto educador que mediou sua viagem, oferecendo pagar parte das despesas e que ele teria pessoas em Lisboa para recebê-la. Todavia, não foi tal como havia sido combinado e Nilsy Ig quase caiu em uma encruzilhada desviante, mas foi salva por um “inimigo fiel”, uma mulher angolana, que cruzou na vida de Nilsy Ig e ofereceu sua ajuda, entretanto, o ambiente familiar da angolana além de inóspito, era também contraventor, pois a aliciadora tinha relação com vendas de entorpecentes e vivia clandestinamente na Europa. Isso tudo foi assustador para a Nilsy que fugiu e passou a perambular dias e noites sem paradeiro pelas ruas de Lisboa. Por sorte, encontrou um jovem moçambicano que a orientou a procurar a embaixada de Moçambique em Lisboa. Embora não ter sido bem acolhida, orientaram sobre a possibilidade de se matricular no Instituto Politécnico de Bragança, que no seu Projeto de Desenvolvimento Institucional – PDI, garantiria e expandiria para uma política de internacionalização e estava “recebendo” estudantes de África. Tudo resolvido? Não. Agora o caminho era enfrentar as vicissitudes da vida de estudantes de África em instituições de ensino superior em Portugal.

### **As vicissitudes do ser estudante *outsiders* no Instituto Politécnico de Bragança**

Por trás da política de internacionalização das escolas de ensino superior de Portugal existem muitas questões a se debater, sobretudo do “Programa *Erasmus*” e as prerrogativas de acolhimento dos alunos de África. Primeiramente, o “Programa *Erasmus*” estabelece uma série de garantias para estudantes europeus que asseguram desde reservas em moradias estudantis dentro dos espaços universitários, às refeições subsidiadas nos restaurantes universitários, assim como estabelece possibilidades ao longo prazo para o pagamento da propina<sup>8</sup> anual de matrícula. Esses três elementos de custeio que não são assegurados aos

---

<sup>8</sup> Propina é um termo da língua portuguesa utilizado em Portugal para se referir ao pagamento de mensalidade/matriculas nas instituições de ensino superior.

estudantes de África, pesam profundamente, sobretudo, aqueles em condições de vulnerabilidade econômica e social cuja maioria são orientados a procurar o IPB.

No Instituto Politécnico de Bragança – IPB, a presença da comunidade dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP é extremamente relevante no que concerne ao componente econômico do Instituto, como foi ressaltado por um funcionário do IPB. De acordo com dados institucionais (IPB, 2023, p. 23), do total da população acadêmica do Instituto, 19% dos estudantes são oriundos dos PALOP, além dos 5% residentes não estudantes que vivem na cidade de Bragança<sup>9</sup>.

[...] Esses alunos, face à diminuição de alunos nacionais, permitem claramente equilibrar as contas porque as propinas de alunos internacionais são muito mais altas do que de alunos nacionais" (Funcionário do IPB em palestra para professor visitante, Bragança, 13 de setembro de 2019).

Para a administração do distrito de Bragança, a presença dos estudantes dos PALOP torna-se paradoxal, pois ao mesmo tempo em que consideram a necessidade de aproveitar o contingente estudantil de *outsiders* como bom ativo do componente econômico local, assim como percebem de extrema importância, os potenciais desses estudantes para prestação de serviços subalternizados e precarizados, esses mesmos estudantes são violentados de todos os tipos de racismo e de discriminação pela população nativa, além do não estabelecimento equitativos quanto ao acesso as garantias institucionais à assistência estudantil.

A posição de subalternidade dos estudantes dos PALOP e em menos grau do Brasil, nos permite a pensar as situações sociais a partir de uma posição de marginalidade na perspectiva reflexiva acercadas de epistemologias subsidiadas pelas hegemonias racistas, classistas e sexistas etc. A desconstrução dessas perspectivas pode nos orientar, a partir do ponto de vista dos estudantes lusófonos

---

<sup>9</sup> Pelo terceiro ano consecutivo 2018, 2019 e 2020, o número de imigrantes dos PALOP aumentou e é o maior valor desde que há registo: em 2020 eram 480.300 pessoas com autorização de residência. Quem mais adquiriu a nacionalidade portuguesa em 2018 foram os naturais do Brasil (11.586), Israel (4289), Cabo Verde (4259), Angola (1953) e Ucrânia (1849). Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF. <http://www.sef.pt> acessado em 24 de novembro de 2019.

na Europa, a contrapor aos debates epistemológicos centrados na natureza da matriz de dominação e subalternação que eles passam, desde a partida do seu país até a ambientação no continente europeu, espaço que situa os países que outrora impuseram a política colonialista. O ponto de vista desses estudantes são *lócus* fundamentais, pois corroboram um olhar particular, de uma experiência singular, que em tese nos garante uma objetividade dos seus respectivos pontos de vistas.

### **O meu olhar reflete nas paredes: a sala de aula é o espelho da sociedade**

Os paradoxos dos estudantes *outsiders* no cotidiano institucional e na sala de aula no Instituto Politécnico de Bragança – IPB, para o nosso recorte analítico, pode ser refletido a partir dos seus respectivos pontos de vista, pois nos processos relacionais com a sociedade local, eles vivem uma situação de amor e ódio, malevolência e indulgência, prosperidade e fracasso. Além do mais, os estudantes são submetidos a processos de escolarização acadêmica cuja base epistemológica reflete ao colonialismo e direciona implicitamente para o neocolonialismo. Durante o curso que ministrei no IPB no ano de 2019/2020 fui percebendo algumas questões paradoxais, por exemplo, estudar cultura e discurso lusófono somente sob a perspectiva de pensadores portugueses sem referência a pensadores africanos era uma forma, apontado pelos próprios alunos, de neocolonialismo. Também, fui percebendo o quão os alunos de África rejeitavam a nação de lusofonia como espaço social, pois eles repudiavam algumas normas asseguradas pelo estatuto universitário português em relação aos imigrantes, que se evidenciava como ato de exclusão.

Diante dessas questões preliminares, fui induzido a resgatar para luz das reflexões sociológicas, categorias que durante o período de domínio colonial português em África eram operantes para justificar o sistema, como por exemplo, a nação de “lusotropicalismo” de Gilberto Freyre, bem como as noções de “bicontinentalidade” e “unidade de sentimento e cultura” de Agostinho da Silva para hipoteticamente correlacioná-las às noções de neocolonialismo, poder e comunidade política no âmbito da política internacional da Comunidade de Países de Língua Portuguesa - CPLP (NASCIMENTO, 2020, p. 07).

Muitos dos pontos das concepções que serão apresentados poderão completar-se entre si, mas também poderão ser contraditórios, contudo, consideramos que as tensões, as contradições e as ambivalências entre os pontos de vistas não são prejudiciais. Pelo contrário, pois adotar pontos de vista distintos podem fazer sentido ou não ou ter valor epistemológico nenhum. Para a maioria dos estudantes da turma de Licenciatura em Relações Lusófonas e Língua Portuguesa egressos no ano de 2018, a sala de aula refletia as relações sociais extra sala. Para começo de conversa, o estudante José Quintana natural de Maputo em Moçambique fez uma adaptação do poema do escritor cabo-verdiano Jorge Batista para representar como ele se sentia na sala de aula em relação ao comportamento de dois alunos lusitanos: “Eu queria que eles fossem naturalmente simples, sem saber que existia a simplicidade”. Isso porque, os estudantes lusos não demonstravam nenhuma empatia perante os alunos de África, pois eles já estavam para concluir o curso e não houve nenhum ato de aproximação entre eles, tampouco, apresentaram trabalhos, seminários ou outras atividades acadêmicas coletivamente.

A sala de aula manteve um desenho que não se apagou ao longo dos tempos. Nós de África sentávamos de um lado, as meninas da china sentavam ao centro e os portugueses sentavam ao fundo com toda indiferença possíveis. Eles não foram nenhum pouco simples, tampouco sabiam o que era simplicidade. Essa situação no começo foi horrível, mas nós do nosso jeito fomos impondo nossos potenciais. Temos poetas e pensadoras sociais na turma de primeira grandeza. Não queremos ser iguais aos portugueses, tampouco ser invisibilizados por pessoas de um país que usurpou nossas gentes, que retirou a felicidade de nossas gentes. Nossos potenciais vão além de tudo isso (José Quintana, aluno de Licenciatura em Relações Lusófonas e Língua Portuguesa, Bragança, 10 de novembro de 2019).

Esse é o *modus operandi* da sala de aula, que pode ser exportado para o conjunto da sociedade lusitana. Tornar-se o “outro” indesejado, anônimo, sem identificação e sem potencial, quase marginal, configura uma espécie de estratégia estruturante dos países de supremacia branca, pois o acolhimento para quem é *outsider* é marcado por desleixo e falta de empatia, mas ao mesmo tempo pragmático calhar os privilégios de classes economicamente estabelecidas. Como assevera Lopes Filho (2007, p. 43), os originários de um país com condições

socioeconômicas inferiores às daqueles que os hospedam, regra geral, estudantes do continente africano, do Brasil e América Espanhola estão, pelas razões expostas, sujeitos à exploração, às injustiças sociais e a discriminações, apesar de fornecerem ao sistema que os emprega elevadas taxas de mais-valia, considerando uma espécie de escravismo oculto.

Essas situações coadunam com a análise de Paul Gilroy (2012), que enfatiza que a época pós-colonial ou pós-moderna necessita e usurpam de outras maneiras as populações de África, pois não existem construção do mundo decolonial e pós-moderno sem a presença de África. Tudo se constrói no mundo pós-colonial nas diferentes perspectivas, inclusive o escravismo moderno, contudo, nela o incluir povos subalternizados economicamente de diferentes nacionalidades. Através de uma releitura da filosofia moderna, Gilroy (Id. Ibid.) demonstra como a escravatura é ocultada ou então interpretada como um resíduo pré-moderno de uma época moderna.

### **Política e poética na compreensão das realidades sociais**

Os estudantes oriundos dos PALOP enfrentam e presenciam cotidianamente no âmbito institucional das universidades, situações adversas que arrolam desde o racismo estruturante a situações de discriminação protocolar acadêmica, que reflete em graus, as vicissitudes desses estudantes no bojo dos processos relacionais da sociedade lusitana, pois percebe-se que há um descrédito aos estudantes universitário dos PALOP, que são ignorados pela população em geral e pelo poder público estritamente.

Embora verificamos que há autores que estudam os PALOP que defendem a colaboração política da ex-colônia perante a formação intelectual das novas gerações de estudantes de África, a exemplo de Nascimento (2016; 2013), que corrobora a ideia de harmonia relacional entre ex-colonizadores e ex-colonizados, ou melhor, o pesquisador (Id. Ibid.) implicitamente sublinha que a convivialidade entre europeus e “africanos” no além-mar foram e são necessárias para o constructo de identidades e elaboração de novos formatos políticos e intelectuais. O autor (op. cit.) entende ainda que nas últimas décadas ocorreram trocas recíprocas necessárias para alinhar as ex-colônia de África aos rumos do

“progresso” e “desenvolvimento” por meio da formação acadêmica de milhares de pessoas que se deslocam do continente africano em direção às ex-colônias.

Essas ambivalências corroboram para a manutenção de um estado que camufla a ideia em que os processos relacionais entre ex-colonizados e suas ex-colônias são estabelecidos de forma bilateral sem arestas ou barreiras para as inclusões sociais em quaisquer das estruturas de exercício de poder, inclusive os caminhos para ingressar nas instituições de ensino superior. Entretanto, o que observamos a partir do ponto de vista dos estudantes moçambicanos, reforça a ideia da operacionalização de neocolonialismo, como ressalta a estudante moçambicana Esmeraldina Gomes:

Eu sou de uma família mediana no meu país, mas tenho muitas dificuldades para me relacionar aqui em Portugal, tem muitas dificuldades não somente na Escola (IPB), mas também em nossas vidas fora do espaço da Escola, pelo menos, aqui todos são nomeados estudantes, mas lá fora somos negros, africanos e coisas desses tipos, sabe. Os governantes do meu país falam que depois da descolonização, as relações entre Portugal e Moçambique mudaram, mas acredito que não tanto assim. Portugal só nos aceita aqui porque eles precisam de nós para girar a economia deles. Aí tem todo um discurso de unidade cultural, ver o que prega a CPLP? Tudo apenas no discurso, porque o que eu vejo, são nós estudantes de fora sendo tratados diferentes. Ainda estamos na colônia? (Esmeraldina Gomes, Bragança, 16 de novembro de 2019).

Observa-se implicitamente que a estudante se refere ao neocolonialismo<sup>10</sup> como orientações recorrentes às políticas da União Europeia em manter uma ideia de unidade sócio-política de Portugal com as suas ex-colônias para promover política de interesses econômicos para a Europa que também passa a ser compreendidas por diferentes teóricos da lusofonia. (FREIXO, 2009; BARBOSA, 2011; LOPES, 2011). Essa questão ficou bem elucidativa no discurso pronunciado pelo parlamentar e professor do Instituto Português de Relações Internacionais – IPRI em Lisboa.

---

<sup>10</sup> O tema do neocolonialismo, relações de poder, comunidade política e os discursos lusófonos orbitam as teorias sociológicas, desde os clássicos à contemporaneidade. Ver Nascimento (2020), Freixo (2009); Barbosa (2011), Margarido (2009); Lourenço (1999); Santos (1989); N'Krumah (1967).

[...] o “Espaço da Unidade do Atlântico” é a nossa terceira área prioritária de inserção internacional, uma vasta zona que une o Atlântico Norte e Sul, integra a Europa, a América e África e inclui a faixa ocidental do “Espaço da Democracia Pluralista da Europa”, a “Comunidade de Segurança do Atlântico Norte”, o Brasil e a América do Sul, Angola e a África Austral, os Arquipélagos de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. Aqui, a nossa grande prioridade está nos Países de Língua Portuguesa, sendo que a maioria deles está localizada nas duas margens do Atlântico, e nas vastas Comunidades Portuguesas e Luso-Descendentes, desde logo concentradas nesses Estados, mas também na Venezuela e na África do Sul. Finalmente, no plano multilateral, sobressai a relevância da CPLP e da Comunidade Ibero-Americana., e nas vastas Comunidades Portuguesas e Luso-Descendentes, desde logo concentradas nesses Estados, mas também na Venezuela e na África do Sul (Tiago Moreira de Sá, Lisboa, 16 de fevereiro de 2019 in [publico.pt](http://publico.pt) acessando em 28 de novembro de 2019).

Os estudantes durante o curso “Cultura e Discurso Lusófonos” ministrado em 2019 na Licenciatura em Relações Lusófonas e Língua Portuguesa - RLLP foram provocados para refletir sociologicamente, categorias que durante o período de domínio colonial português na África eram operantes para justificar o sistema, como por exemplo, a nação de “lusó-tropicalismo” de Gilberto Freyre (2010), bem como as noções de “bicontinentalidade” e “unidade de sentimento e cultura” do escritor Agostinho da Silva (1975). A desconstrução dessas categorias foi central para correlacioná-las às noções de neocolonialismo no âmbito da política de internacionalização educacional envolvendo os países lusófonos e perceber um processo de continuidade.

A inhambense Nilsy Ig quando do desfecho do debate acerca do neocolonialismo usou o poema do escritor angolano Agostinho Neto (1974) para refletir sobre os caminhos paradoxais que os estudantes de África percorrem cotidianamente no além-mar:

“Caminhos largos, cheios de gente, cheios de gente, cheios de gente em êxodo de toda parte, caminhos largos, caminhos largos para horizontes fechados, mas caminhos, caminhos abertos por cima da possibilidade dos braços” (Poema de Agostinho Neto recitado no final do componente curricular Discurso e culturas Lusófonas, Bragança, 20 de fevereiro de 2020).

A política de internacionalização da Educação em Portugal abre horizontes, no entanto, como destacado pela estudante, “são caminhos largos para

horizontes fechados, desde condições econômicas às imposições culturais, a exemplo das identidades, da formatação da unidade das línguas, anulando os idiomas locais e outras manifestações que os estudantes trazem na bagagem e que permanecem trancadas ao fundo das malas. Isso implica todas as adversidades encontradas por estudantes *outsiders* nas terras além-mar. Essas condições aparecem como estruturantemente globais no que tange a internacionalização da educação promovidas por universidades europeias. Nos resta verificar como alhures, esse campo se apresenta.

### **Algumas considerações**

A análise da experiência de acolhimento de estudantes oriundos dos PALOP em universidades europeias revela um cenário profundamente paradoxal, onde retóricas de inclusão e internacionalização coexistem, e por vezes se chocam, com práticas de exclusão e marginalização. Longe de ser um processo linear de integração, o acolhimento configura-se como um campo de tensões que expõe as contradições inerentes às próprias instituições europeias no contexto global contemporâneo.

Observamos durante nossa estada como professor visitante no IPB nos anos de 2019/2020 e também sob a óptica dos estudantes moçambicanos, que o Instituto Politécnico de Bragança, assim como boa parte de universidades europeias abrem suas portas, mas o acolhimento é muitas das vezes concedido sob a condição tácita de um conjunto de elementos de ordens econômicas, culturais e políticas. Espera-se que os estudantes estejam seguros economicamente de garantir a propina anual de matrícula, assim como uma orientação de adaptação das normas linguísticas, pedagógicas e culturais hegemônicas, sem que haja uma transformação recíproca por parte da instituição que acolhe.

Por fim, foi necessário destacar os paradoxos expostos no âmbito institucional e nas relações cotidianas no bojo da sociedade lusitana. No ambiente acadêmico, que se presume espaço de inclusão e aplicação das relações sociais em diferentes esferas, os estudantes *outsiders* das ex-colônias tornam-se um marcador social inescapável. A experiência do racismo cotidiano, do tratamento diferenciado entre estudantes europeus e aqueles oriundos dos PALOP contradiz a

autoimagem das sociedades europeias assentadas em tratados pós-processos de descolonização, inclusive aquelas focadas na cooperação educacional e intercâmbios acadêmicos.

Portanto, a guisa de conclusão, superar estes paradoxos exigirá não apenas políticas mais eficazes, mas uma transformação estrutural e epistêmica das próprias universidades, rumo a um modelo de acolhimento genuinamente recíproco e decolonial, onde os estudantes que atravessam o Atlântico possam equacionar condições reais para deslançar suas potencialidades e exercer seus protagonismos.

## Referências

BARSOUSA, Wilson. **Neocolonialismo: um conceito atual**. *Revista SANKOFA de história da África de Estudo da diáspora africana*, ano IV, n. 8, 2011, p. 03-08.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura**. Poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EDUERJ, Papel Selvagem, 2016.

FREIXO, Adriano de. **Minha pátria é a língua portuguesa: a construção da ideia de lusofonia em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Integração portuguesa nos trópicos**. Lisboa: Afrontamento, [1958] 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2001.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

HARDING, Richard. **The Congo and Coast of African**. London: London School of Economics press, 1992.

HINE, Christine. **Ethnography virtual**. Tarragona: Editorial Uoc, 2004.

Instituto Politécnico de Bragança. **Licenciaturas**. Bragança/Portugal: Editora IPB, 2023.

KOZINETS, Robert. **Netnography: doing ethnographic research online**. London: Sage, 2010.

LAW, John. **After Method.** Mess in social science research. London: Routledge, 2018.

LOPES, Ana Mônica. **Neocolonialismo na África.** *Revista SANKOFA de história da África de Estudo da diáspora africana*, ano IV, n. 8, 2011, p. 08-21.

LOPES FILHO, João. **Imigrantes em terra de emigrantes.** Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional, ed. 4ª, 2007.

LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia.** Lisboa: Editora Gradiva, 1999.

MARGARIDO, Alfredo. **A lusofonia e os lusófonos:** novos mitos portugueses. Lisboa: Edições Universitária Lusófona, 2009.

NASCIMENTO, Augusto. **As fronteiras da nação e das raças em São Tomé e Príncipe.** São-tomenses, Europeus e Angolas nos primeiros decênios dos Novecentos. *Revista de História, UFMG*, v. 29, n. 51, 2013.

NASCIMENTO, Augusto. **As vicissitudes políticas nas sucessivas vidas da Voz Africana em defesa dos africanos.** *Revisita Africana Studia*, v. 2, n. 27, 2016.

NASCIMENTO, Luiz Augusto Sousa. **Neocolonialismo, comunidade política e poder.** As implicações sociológicas do luso-tropicalismo em Gilberto Freyre. Projeto de Pesquisa. São Luís: FAPEMA/PRPGI/IFMA, 2020.

NETO, Agostinho. **Quem é o nosso inimigo? Qual é o nosso objetivo?** Conferência feita na Universidade DER ES SALAAM, Tanzânia, 1974.

N'KRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo: último estágio do imperialismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SANTOS, Elsa Rodrigues dos. **As máscaras poéticas de Jorge Batista e a mundividência cabo-verdiana.** Lisboa: Editora Caminhos, 1989.

SILVA, Agostinho da. **Textos pedagógicos e filosóficos.** Lisboa: Contracorrente, 1975.